

Univerdidade Eötvös Loránd  
Escola Doutoral de Linguística  
Programa de Linguística Românica

Evelin Gabriella Hargitai

A situação da língua mirandesa  
Bi- e plurilinguismo numa comunidade minoritária no Nordeste de Portugal

Resumo da tese de doutoramento

Orientadoras:  
Dra. habil. Csilla Bartha  
Dra. habil. Ildikó Szijj

Budapeste, Hungria  
2014

## **I. Introdução**

### **1. Motivação e objetivos**

Na minha pesquisa, analisei a situação de uma língua minoritária de origem românica, asturleonês –do mirandês– que, não foi abordada com suficiente ênfase nem pela Linguística Românica, nem pela Sociolinguística (a nível nacional e internacional). No entanto, esta língua oferece várias conclusões sobre o plurilinguismo. O mirandês é uma língua minoritária de 4-5, no máximo, 10 mil falantes, que corre o perigo do desaparecimento. É falado no Nordeste de Portugal, no concelho de Miranda do Douro que se encontra ao lado da fronteira com a Espanha. A comunidade vive no território de Portugal desde os séculos 12-13. Os antepassados leoneses da sociedade de hoje foram deslocados para Miranda durante o repovoamento depois da reconquista. Passo a passo, a variedade falada por este grupo dissimilou-se do asturiano-leonês e formou-se a língua mirandesa que, durante muitos séculos, não sofreu a influência do português (por causa da isolamento da terra de Miranda). A língua portuguesa começou a predominar no repertório linguístico da comunidade apenas a partir dos anos 1950. Hoje em dia, quase não há falantes monolíngues de mirandês, se calhar apenas nas faixas etárias mais idosas. Atualmente, esta é a única língua minoritária sonora que é protegida por uma lei (embora esta lei seja apenas simbólica). Os preconceitos e as ideologias linguísticas que levaram à estigmatização do mirandês, passo a passo, desaparecem.

Quanto às minhas pesquisas, eu faço investigações sociolinguísticas sobre a língua mirandesa desde 2006. Mantenho as relações com mirandeses (quer dizer, com pessoas residentes em Miranda do Douro e com pessoas que imigraram em outros países) com uma grande frequência. Assim, consegui analisar longitudinalmente as mudanças da realidade linguística muito heterogênea. O objetivo principal do meu trabalho é a aplicação prática dos resultados, tendo em conta que a tarefa da investigação linguística é a solução de problemas sociais (Kontra 2010). O investigador é responsável pela aplicação das conclusões ao proveito da comunidade (cf. Kontra 2010, Labov 1982). Contudo, é importante que a vocação à ação pela sociedade e, a boa intenção de melhorar a situação do grupo analisado fiquem em equilíbrio com a objetividade que é a base da investigação científica (Labov 1982).

Com base nos factos acima referidos, o objetivo direto da minha investigação foi analisar os motivos da formação da diglossia do português-mirandês, da predominância atual do português, dos fatores que levaram à substituição linguística. Analisei também a vitalidade atual do mirandês e os fatores económicos, psicológicos e socioculturais que podem ajudar a manutenção linguística. Na primeira parte da minha tese apresentei as informações básicas sobre esta língua quase totalmente desconhecida no meu país, e enumerei (com base na teoria

da sociolinguística histórica) os fatores que levaram à situação atual, e apresentei os movimentos de cultivo do mirandês. Na segunda parte relatei sobre as minhas pesquisas empíricas. Apliquei métodos de macrosociolinguística (a situação jurídica e sociolinguística e a vitalidade do mirandês), depois relatei os resultados da minha pesquisa microsociolinguística nas áreas como a identidade, as atitudes e ideologias linguísticas, a vida económica e a paisagem linguística da Terra de Miranda, além disso, as consequências da modernização no uso do mirandês. Finalmente, avaliei o ensino e a revitalização e dei sugestões em relação aos passos seguintes do planeamento. Fiz as minhas análises principalmente a nível da comunidade, por isso não estava entre os meus objetivos os aspetos estruturais dos contactos linguísticos e do bilinguismo.

A par disso, o meu objetivo é chamar a atenção para o facto de Portugal não ser um país monolingue sem problemas e conflitos linguísticos. A saber, na literatura linguística internacional, Portugal é tido unanimemente como um país monolingue. Por exemplo: „além de Portugal e da Islândia, todos os países europeus são monolinguês” (Nelde 1978: 26), „Portugal, em substância, é monolingue” (Torkington 2008: 123). Skutnabb-Kangas também menciona Portugal entre os países de uma só língua (1997: 5). Embora o país lusitano não pertença aos estados de situação duvidosa a nível da política, fronteiras ou etnias (dado que os limites do país são os mais antigos da Europa), para as comunidades minoritárias não é proveitosa a imagem homogénea do estado-nação. Este homogenismo também é alimentado pela história colonial e a política de língua unificadora. Com a expansão marítima, o português tornou-se uma língua franca pluricêntrica (cf. glotofagia, Calvet 1974). A isso liga-se o conceito de o português ser a garantia da civilização e do desenvolvimento socioeconómico (cf. Pinto 2008). Daí vem que a política linguística interna não se concentra nos problemas nacionais, por exemplo, na manutenção da diversidade linguística, mas na divulgação do português como língua franca (Léonard 1999, Mateus 2009). Desde a alteração da Constituição em 2001, Portugal declarou o seu monolinguismo, indicando o português como única língua oficial (artigo 11). Isso causa dificuldades às comunidades linguísticas „aboriginais” (mirandês, barranquenho, língua gestual, etc.) e migrantes (crioulo, ucraniano, romeno, etc., cf. Pinto 2008). Seria mais rigoroso, por isso, caracterizar o país como um estado *de jure* monolingue mas *de facto* plurilingue (admitindo que esse plurilinguismo não significa o mesmo que na Suíça, por exemplo). O quadro abaixo contém dados de 1991 por falta de estatísticas atualizadas. A saber, perguntas sobre a língua materna não fazem parte dos censos.

Língua	Falantes (mil)	Percentagem da população	Língua	Falantes (mil)	Percentagem da população
Português	9753	99,8	Língua Gestual Psa	8	0,1
Outra	110	1,1	Alemão	5	0,1
Caboverdiano	24	0,2	Santomense	3	0,0
Espanhol	23	0,2	Quimbundu	3	0,0
Francês	21	0,2	Guineense	2	0,0
Inglês	11	0,1	Wu	0,3	0,0
Mirandês	10	0,1			

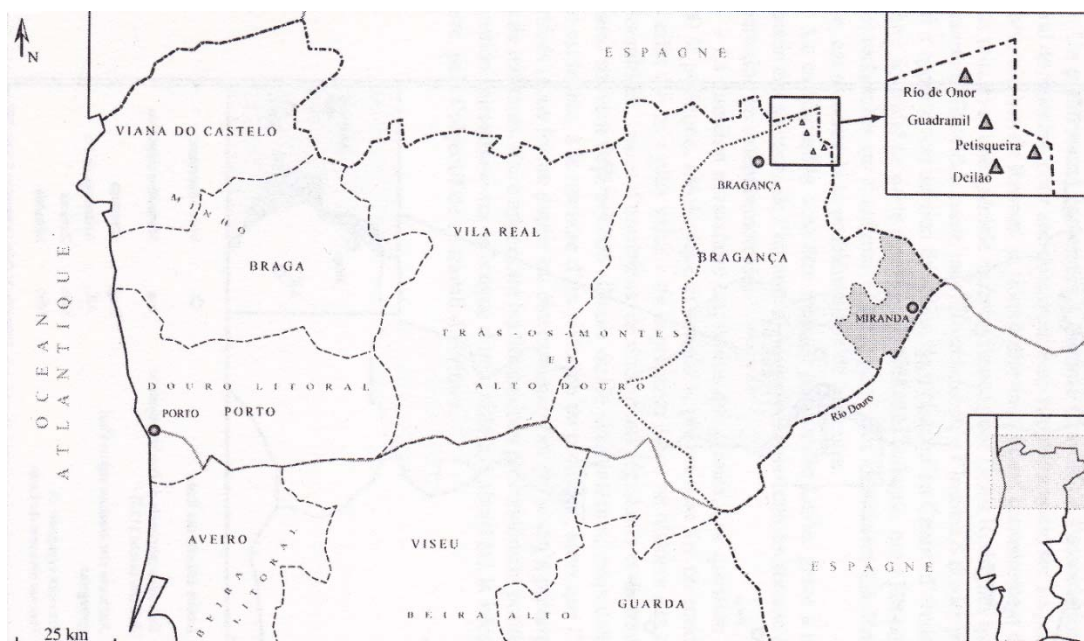
**Línguas de Portugal** (dados de 1991) Fonte: Pinto 2008: 74

## 2. Contexto histórico

A língua mirandesa, portanto, foi instalada no território de Portugal a partir do século 13 em vários fluxos migratórios durante a reconquista (Carvalho 1964, Pidal 1906). A zona é afastada dos grandes centros urbanos, por isso não tinha quase nenhum contacto com Portugal até à Idade Nova, enquanto mantinha as relações religiosas, económicas, administrativas com Leão (Ceolin 2002). Isso assegurava a manutenção linguística durante muito tempo. Martins (1994) acha que o mirandês tinha toda a vitalidade e predominava na população pelo menos até ao século 17. Dado que a maioria do povo mirandês vivia de agricultura, muito poucas pessoas necessitavam do uso do português. (A sede do concelho teria sido uma excepção: por causa da instalação de empregados administrativos e soldados, que eram naturalmente falantes monolíngues de português, cf. Martins 1994, Merlan 2009.) A língua foi „descoberta” pelo filólogo, José Leite de Vasconcelos. A monografia dele (1900), que tem capítulos de fonologia, gramática descritiva, dialetologia e uma antologia, chama a atenção para a estigmatização do mirandês e provou que esta língua não era um português mal falado, mas de origem latina, mais precisamente, asturiano-leonesa.

Foram os acontecimentos dos anos 1950 que levaram a comunidade à substituição do mirandês pelo português. A partir destes anos, teve início a difusão televisiva a nível nacional e a construção de barragens hidroelétricas no rio Douro. Ao mesmo tempo estes eram os anos do êxodo rural, isto é, da fuga de vários habitantes de zonas rurais, por motivos económicos. Foi nessa época em que o português se tornou definitivamente língua de prestígio, da carreira e do ganha-pão para os mirandeses. Ao mesmo tempo, ligou-se a estigma do atraso linguístico e mental da língua e dos próprios falantes (Merlan 2009). Assim, os pais começaram a socializar os filhos apenas em português, assegurar o melhor avanço profissional (Martins 1997). As atitudes dos mirandeses em relação à própria língua eram bastante negativas, mas também

tinham aversão pela língua *fidalga* ou *grabe* (português). A situação malparada do mirandês teve como origem na recessão da agricultura também, isto é, desapareceu um domínio de uso muito importante. As gerações mais novas já não participaram nas atividades tradicionais de sustento, por isso perderam uma ocasião de falar a *lhéngua*. Só nos finais do século 20 que se começou a divulgar o facto de o mirandês não ser um dialeto de valor reduzido, em consequência do trabalho do padre e filólogo, António Maria Mourinho (Mourinho 1987). Depois, graças às pesquisas e à atividade leiterária da nova geração dos intelectuais (Amadeu Ferreira, Domingos Raposo, Manuela Barros Ferreira) é, mas um idioma autóctone, com todas as capacidades que uma língua tem. Foram os „mirandólogos” que iniciaram a revitalização: organizaram conferências, pesquisas linguísticas e etnográficas, editaram a Convenção Ortográfica, o dicionário, a gramática e vários livros (planeamento de corpus). Em 1999, o Parlamento aprovou com unanimidade a Lei 7/99 que reconhece o mirandês como património e vertente cultural da Terra de Miranda e apoia o direito da criança à aprendizagem do mirandês (planeamento de estatuto). Nestes anos, organizou-se o ensino da língua em algumas escolas do concelho. Depois de 2000, cresceu o interesse pela *lhéngua* fora da região também (por ex. Czopek 2008). Publicaram-se duas monografias sobre a situação do mirandês (Cahen 2009, Merlan 2009) e até um investigador japonês fez pesquisas de campo (Terao 2010). O mirandês foi analisado na pesquisa Euromosaic e tem uma página no Ethnologue, no catálogo das línguas do mundo. Contudo, a sua situação sociolinguística não foi analisada com a profundidade suficiente e falta também a concepção unificada da revitalização.



**A Terra de Miranda.** Fonte: Cahen 2008: 16

### 3. Contexto teórico

A minha pesquisa analisa, em primeiro lugar, o bi- e plurilinguismo social. O contacto das línguas (ou seja, das comunidades linguísticas), muitas vezes originado em fatores políticos ou económicos, pode levar a conflitos maiores ou menores. Em situação de contacto, é frequente as comunidades competirem, em forma implícita ou aberta, uma com a outra, pelos bens culturais e financeiros, pelas melhores ocasiões (Bartha 1999). Se uma destas comunidades está em situação minoritária, pode sofrer prejuízos em várias áreas na vida. Assim, a língua também pode cair em perigo, sobretudo no caso de a comunidade estar obrigada a usar o idioma dum grupo que tem mais prestígio e influência. Se não há equilíbrio na divisão de trabalho entre as duas línguas a longo prazo, o bilinguismo fica instável (Gal 1979, Borbély 2001). Se o prestígio e a influência do grupo minoritário são muito baixos, ligam-se associações negativas à língua (Dorian 1998). Por exemplo, o nível do desenvolvimento técnico liga-se muitas vezes à imagem do desenvolvimento ou da complexidade da língua. Assim, o mirandês também era tido como língua atrasada, sem gramática (Vasconcelos 1900), porque Miranda era uma zona afastada dos centros industriais ou intelectuais.

Há muitos fatores que podem influenciar as decisões de uso de língua numa comunidade. A manutenção-substituição linguísticas não são processos plenamente linguísticos, mas fazem parte nelas muitos fatores sociais, políticos, económicos, culturais, psíquicos, etc. (Gal 1979, Grin 1999, Kloss 1966). A minorização linguística, por sua vez, tem sempre origem em motivos extralinguísticos (Bartha 1999, Borbély 2014). Assim, o bilinguismo pode ser analisado de vários aspetos: individuais e sociais (Bartha 1996), linguísticos, sociológicos, pedagógicos, políticos, económicos, etc.

Os fatores da substituição linguística, no caso do mirandês são, na maior parte, de natureza económica. As línguas competem uma com a outra no mercado económico e simbólico (Bourdieu 1991, Skutnabb-Kangas 1998, Coulmas 2004). Se o mercado simbólico numa língua (Bourdieu 1991) desaparece, a própria língua não pode funcionar mais. Entende-se por mercado simbólico qualquer domínio de uso, mas é preciso acrescentar que o estatuto económico (quer dizer, o mercado em sentido económico) é um fator principal do ponto de vista da manutenção linguística (Bartha 1999, 2003, Kontra 2010). A saber, para muitos falantes minoritários, é apenas o uso da língua maioritária que assegura a mobilidade social, a carreira. Os centros urbanos, industriais atraem muitos empregados de vários territórios, isto é, de vários grupos de falantes. Precisando de uma língua franca, estes empregados são levados ao uso da língua maioritária ou standard. A este fenómeno adiciona-se o papel da escola que também requer a

utilização dos códigos „High” (Ferguson 1975). Isso pode levar à assimilação linguística e à perda das línguas minoritárias.

A economia linguística, como nova área do planeamento linguístico, analisa os problemas acima descritos. Isto é, pesquisa como é que os fatores económicos influenciam o ambiente linguístico e vice-versa, ou qual é a relação entre o uso de uma certa língua e o salário da pessoa (Grin 1999, 2003). Segundo Grin, as políticas em relação às línguas menos usadas deveriam ter em conta as circunstâncias económicas ligadas à vida da comunidade (Grin 2003: 4). Segundo ele, o desaparecimento da diversidade linguística também é uma falha de mercado (*market failure*) contra a qual o país deveria combater. Melhor dito, a política de língua não tem de lutar contra as forças económicas, mas teria de aproveitar as ocasiões de tornar proveitosos alguns fatores para a comunidade (Grin 1999: 183).

Contudo, não é possível reduzir os problemas da substituição linguística a motivos económicos (Fishman 1991: 61). No outro prato da balança há fatores sócio-psicológicos. A comunidade mirandesa, nos últimos tempos, tem mostrado cada vez melhores atitudes e uma vocação cada vez mais forte pela língua e cultura mirandesas. Muitos mirandeses pensam que a língua é a componente central da identidade, assim, a perda da língua significaria a perda da personalidade também. Até as pessoas que praticamente não falam a *lhéngua*, têm ligações muito fortes com as funções simbólicas, sociais dela. A língua é parte importante da nossa auto-definição, transmite conhecimentos, práticas e indica o nosso lugar no contexto social (Fishman 1989). Portanto, a língua não é apenas um meio de comunicação, mas também é símbolo, e tem um papel integrativo também (Edwards 2009). Assim, pode tornar-se o símbolo das diferenças dos grupos sociais (Blommaert 2006).

Segundo muitos estudiosos, a língua é um dos signos mais importantes da identidade social, e é parte inalienável da identidade da pessoa (Gumperz 1982). Por cima disso, segundo a teoria da identidade etnolinguística, a componente básica da identidade é a língua (Giles-Johnson 1987). Portanto, alguns investigadores afirmam que, a perda da língua causa perda da identidade (Tsunoda 2006). Segundo um adágio húngaro, „a nação vive na sua língua” (cf. Puszta 2006). Segundo outros, ser membro de um grupo não requer o uso da língua do grupo, porque a identidade etnolinguística é a sensação subjetiva sobre a pertença a um grupo (Hamers-Blanc 2004: 202). Portanto, se ocorre a substituição linguística, a função simbólica da língua mantém-se (Edwards 1984, Crystal 2000). Como Fishman diz, „we can be Xmen without Xish, we can be Xmen with Yish” (1991: 16) em que X designa a língua „original” do grupo e Y é a nova língua adquirida. Segundo Fasold (1984: 240), é difícil prever se um grupo mantém a identidade depois da substituição linguística.

## **II. A investigação**

### **1. A questão base**

A questão mais importante da situação da língua mirandesa é que, enquanto as circunstâncias práticas (a situação demográfica e económica da região, os problemas de emprego, a modernização) são fatores da substituição linguística, as variáveis sócio-psicológicas levam à manutenção da *lhéngua*. Por isso, eu procurei os métodos mais precisos para „medir” a vitalidade do mirandês. Normalmente, a perda da língua ocorre se a pessoa ou a comunidade opta por uma língua que possibilita melhores condições de vida, muitas vezes não é possível analisar este fenómeno com base na teoria de investimento-lucro (Edwards 1985). No caso do mirandês também atuam forças psíquicas que são muito fortes. As atitudes positivas não asseguram a vitalidade da língua a longo prazo, mas servem como base para as atividades de revitalização.

### **2. Métodos da análise**

A situação da língua mirandesa é um fenómeno complexo que tem de ser analisado de vários aspetos. Por isso, além das entrevistas e observações, dos questionários, apliquei alguns métodos mais profundos que considere adequados a certos problemas. Isto é, usei a análise das redes na sociedade (sociometria), a descrição da paisagem linguística (*linguistic landscape*), ou a análise crítica de discurso. Não pretendi repetir as pesquisas já realizadas (Martins 1997, Merlan 2009) que já deram uma imagem geral sobre a situação do mirandês, mas tinha como objetivo salientar os detalhes mais importantes do caso, para poder dar sugestões mais aprofundadas a fim da revitalização.

Os temas da minha pesquisa e os métodos foram os seguintes:

#### **A. Situação microssociolingüística**

- **A situação do mirandês do aspeto do direito internacional**

Análise dos documentos de direitos linguísticos e da Lei 7/99

- **Perfil sócio-demográfico da comunidade**

Análise de dados estatísticos

- **A definição da comunidade mirandesa e o seu perfil sociolingüístico**

Reanálise dos dados de Merlan (2009), questionário, sociometria.

- **A vitalidade do mirandês**

Aplicação dos critérios da UNESCO (2003)



## **B. Situação macrossociolinguística**

- **A identidade do grupo mirandês**

Questionário, entrevistas, análise crítica de discurso.

- **Ideologias e atitudes linguísticas**

Questionários na comunidade minoritária e majoritária, análise crítica de discurso da imprensa mirandesa.

- **A situação económica da região, o papel do mirandês na economia local**

Questionário, análise de marketing, entrevistas.

- **A paisagem linguística (linguistic landscape) da região**

Estudos qualitativos e quantitativos sobre placas de rua, cartazes, etc.

- **O papel do mirandês nos média**

Análise dos média, estatísticas, análise crítica de discurso.

- **O mirandês no ensino**

Observações participantes, questionário, entrevistas.

Nas minhas pesquisas, participaram 173 informantes mirandeses e 71 „portugueses”, ou seja, membros da comunidade majoritária. Durante as observações participantes (de 5 anos), tive a oportunidade de analisar o comportamento linguístico de várias famílias e empresas. Fiz entrevistas com muitas pessoas do Presidente da Câmara Municipal e intelectuais, empresários e locais patriotas da cidade de Miranda e de Palaçoulo. Disponho de gravações de mais de 11,5 horas e inúmeras cartas.

## **3. Questões básicas da investigação**

1. Como é a situação política e jurídica da língua mirandesa e é suficiente a lei atual para defender os interesses da comunidade?
2. Como é a situação do mirandês do ponto de vista do uso e do repertório verbal dos mirandeses (na oralidade e na escrita, em domínios formais e informais). Como é a diglossia entre as duas línguas e quais são os domínios exclusivos do mirandês?
3. Quais são os fatores mais importantes da manutenção e substituição linguística e da vitalidade?
4. Que ideologias linguísticas existem na comunidade e fora dela, quais são as atitudes dos diferentes grupos sociais?
5. Qual é a consequência da modernização económica e técnica ao uso do mirandês?
6. Como é que o ensino do mirandês pode ter sucessos?

7. Quais são as perspectivas da revitalização, o grupo conseguirá manter os laços sociais e a língua?

### **III. Resultados**

A seguir apresentarei os resultados da minha pesquisa com base nas questões acima enumeradas.

#### **1. Como é a situação política e jurídica da língua mirandesa e é suficiente a lei atual para defender os interesses da comunidade?**

Embora os acordos internacionais de direitos humanos obriguem Portugal também a defender os direitos da comunidade mirandesa, o sistema jurídico do país não apoia com efeito as minorias linguísticas. É simbólico que Portugal tenha ratificado a Convenção-Quadro para a Protecção das Minorias Nacionais, mas nos Relatórios anuais comunica que não há minorias nacionais no território do estado. Além disso, seria importante assinar a carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias. A base da luta contra o linguicismo (Kontra 2005) e a Lei 7/99, mas este documento que é apenas simbólico: „O Estado Português reconhece o direito a cultivar e promover a língua mirandesa, enquanto património cultural, instrumento de comunicação e de reforço de identidade da terra de Miranda.” (Artigo 2) „As instituições públicas localizadas ou sediadas no concelho de Miranda do Douro poderão emitir os seus documentos acompanhados de uma versão em língua mirandesa.” (Artigo 4).

#### **2. Como é a situação do mirandês do ponto de vista do uso e do repertório verbal dos mirandeses (na oralidade e na escrita, em domínios formais e informais). Como é a diglossia entre as duas línguas e quais são os domínios exclusivos do mirandês?**

Um dos sinais da substituição linguística é que diminui o nível da competência linguística na língua minoritária, e o grupo usa a língua com cada vez menos frequência. Segundo as pesquisas de Merlan (2009: 239, 249), 63% dos adultos fala bem ou muito bem o idioma, enquanto apenas 23% dos alunos tem competências boas. Quanto à frequência do uso, apenas 17% dos adultos fala em mirandês no dia-a-dia e 75% comunica em duas ou mais línguas. Pelo contrário, entre os alunos, apenas 0,7% fala o mirandês como língua única e 43% comunica em mirandês e em português (Merlan 2009: 297, 305). Outro sinal da substituição linguística é que o mirandês quase não tem falantes L1 nas gerações mais novas. Para 95% dos menores de idade, é o português que serve como língua primária ou materna (Merlan 2009: 384, 388). Para comparar, 69% dos adultos fala mirandês como primeira língua.

A relação do mirandês e do português é uma diglossia típica em que o português é a língua *High* e o mirandês, como língua com menos prestígio, usa-se em situações informais

(Low, cf. Fishman 1967). Porém, o português infiltra-se cada vez mais nos domínios familiares. Na minha pesquisa, pedi os meus informantes (n=44) para marcarem em que situações e com quem é que usavam o mirandês e o português (e outras línguas, se falam). Depois, criei um quadro (com base em Gal 1979) que mostra que os idosos ainda usam o mirandês em várias situações e os menores de idade usam o português exclusivamente em muitos domínios. As crianças usam o mirandês já apenas com os avós e às vezes, com os pais.

Sexo	Idade	Situação											
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
F	88	M	M	MP	P	M	P				M	M	M
M	84	M	M	P		M	P	M	P	M	M	M	M
F	82	M	M	MP	P	M	P		P		M	M	M
F	81	M	M	M	M	M	P	MP	P		MP	M	M
M	80	M	M	P	P	M	P	MP	P	M	M	M	M
F	79	M	M	MP	P	P	P	P	P		M	M	M
M	77	M	M	P	P	P	P	MP	P	M	M	M	M
M	75	M	M	MP	M	M		MP	P		MP		MP
M	64	M	M	F		M	P	M	P	M	M	M	F
M	62	M	M	MP	MP	M	P	MP	P	MP	MP	M	MP
M	61	M	M	F		M	P	M	P	M	M	M	F
M	60	M	M	M	P	M	P	MP	P	M	M	M	M
M	60	M	M	MP		M	P	MP	P	M	M	M	MP
M	57	M	M		M	M	P	P	P	M	MP	M	MP
M	56	M	M	P	P	MP	P	MP	P	M	M	MP	
F	54	M	P	P		MP	P	P	P		M	M	M
M	51	M	M	MP		M	P	MP	M			M	
M	50	M	MP	MPF	F	MP		MP	P	M	M	M	F
M	46	M	M					MP	P	MP	MP	M	
M	44	M	M	MP	MP	M	P	MP	P	MP	MP	M	MP
M	41	M	M	M	M	M	P	M	P	M	MP	M	MP
F	40	MP	MP	P		P	P	P	P	P	P	P	P
M	40	P	P				P	P	P	MP	P	P	
F	39	MP	MP	P		P	P	P	P	MP	MP	M	P
M	32	MP	MP	P		MP	P	MP	P	P	P	MP	P
F	31	M	M				P	P	P	MP	M	MP	
M	28	M	MP				P	MP	MP	MP	MP	MP	
M	28	P	P					P	P	P	P	P	
F	27	P	P				P	P	P	P	P	P	P
M	22	M	P				P	MP	P		MP	MP	
M	18	MP	MP				P	MP	P	MP	MP	M	
M	18	MP	MP				P	MP	P	MP	P	MP	
F	17	MP	P				P	P	P	P	P		P
F	16	P	P				P	MP	P	P	P		P

M	16	MP	P				P	P		P	P		P
F	15	P	P				P	P		P	P		P
F	15	MP	P				P	P		P	P		P
M	14	P	P				P	MP		P	P		P
M	14	MP	MP				P	MP		P	P		P
F	13	MP	P				P	P		P	P		P
M	13	MP	P				P	P		P	P		P
F	13	P	P				P	P		P	P		P
F	12	MP	P				P	P		P	P		P
M	11	MP	MP				P	P		P	P		P
		<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>11</b>	<b>12</b>
<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Situação</b>											

Sexo: M: masculino, F: feminino

P: português, M: mirandês, F: francês, MP(F): ambos (os três).

*1: com avós 2: com pais 3: com filhos 4: com netos 5: com cônjuge 6: com o padre 7: no café/na associação cultural 8: na Câmara 9: se diz palavras 10: se está zangado 11: falando de agricultura 12: se ralha com os filhos/colegas da turma*

### **3. Quais são os fatores mais importantes da manutenção e substituição linguística e da vitalidade?**

Kloss (1966) salienta que os fatores da manutenção-substituição linguística são ambivalentes, isto é, tem diversos efeitos dependendo das comunidades e das circunstâncias dadas. Até num caso concreto é difícil prever o resultado, o futuro da língua. Por exemplo, o tamanho reduzido da comunidade mirandesa pode ser vantajoso, porque assegura contactos mais fortes entre os membros, mas por outro lado, o grupo é mais vulnerável. A isolamento da Terra de Miranda ajudaria a manutenção da língua original, mas leva à submissão. O baixo nível de instrução, com um modo de vida sedentário pode ajudar a manutenção linguística e tornar mais forte a coesão social. Por outro lado, pode ser perigoso se a comunidade pensa que a sua língua é o obstáculo da competitividade.

Analisei a vitalidade do mirandês com base nos critérios da UNESCO (2003). Este documento tem em conta nove fatores e dentro de cada fator, distingue seis graus de vitalidade. Eu modifiquei o sistema, adicionando a perspectiva dinâmica. Assim, não indiquei apenas os graus da vitalidade do mirandês em cada categoria, mas também assinali se a situação se tinha tornado melhor ou pior nos últimos 5-10 anos. Esta abordagem mostrou que o mirandês tinha atingido no máximo os valores de 3 e, na área mais importante da transmissão intergeracional, está em grande perigo.

#### **4. Que ideologias linguísticas existem na comunidade e fora dela, quais são as atitudes dos diferentes grupos sociais?**

A política de língua portuguesa promove até hoje a unidade linguística e a na cultura da língua standard (Milroy 2011). Por isso, as minorias gozam de muito pouca atenção no discurso público. Até hoje ligam-se alguns preconceitos à língua mirandesa. A ideologia mais comum é que o mirandês é um dialeto misto. Porém, os média que transmitem ideias positivas sobre Miranda e a língua. Na minha investigação sobre atitudes, a maior parte dos informantes portugueses (62%), ouviu falar da língua na televisão e eles têm atitudes positivas. Na comunidade mirandesa, a *lhéngua* tornou-se prestígio. Os informantes mirandeses (98%) também mostraram opiniões positivas estão orgulhosos pelas suas raízes e 81% deles tem atitudes positivas em relação à língua. Os resultados da pesquisa realizada entre os alunos é semelhante: numa escala de 1 a 5, as frases positivas (o mirandês soa bonito, é preciso manter, etc.) obtiveram, avaliando conjunto, o índice de 4,2.

A identidade dos mirandeses já é muito forte. Segundo os resultados da minha pesquisa realizada com um questionário, a componente mais importante da identidade é a ligação muito forte com a Terra de Miranda. 83% dos inquiridos mencionou isso em primeiro lugar. „Eu diria que a identidade mirandesa é essencialmente a partilha de valores. Há elementos que nos unem: a língua e a música principalmente. Depois o planalto e os horizontes observáveis de lá. Acho que é essencialmente a vontade de querer voltar sempre a Miranda, para onde irei amanhã passar uns dias a carregar baterias.” /masculino, 65 anos/ Às vezes, as atitudes positivas levam a afirmações quase cúlticas. A literatura e a imprensa local sugerem vários exemplos, que analisei detalhadamente na minha tese. Por ex.: „Os mirandeses são como as rochas no rio Douro. São fortes e resistentes. Têm uma força que os portugueses não.” (Mensageiro de Bragança, 29 de outubro de 2010). „Nuossa Tierra Mirandesa / Nuosso rincon sin eigual, / Sós tan çfrente na beleza / De quanto hai an Portugal!” (Fernandes 2001: 237). Segundo os resultados, não há correlação entre o conhecimento do mirandês e a intensidade dos laços com a Terra de Miranda. Por isso, o mirandês corre o risco da folclorização (cf. Fishman 1991, Crystal 2000). Os festivais, as atuações dos pauliteiros e a própria Lei 7/99 são símbolos do facto de o mirandês começar a ser peça de museu em vez de ser meio de comunicação vivo.

#### **5. Qual é a consequência da modernização económica e técnica ao uso do mirandês?**

O motivo primário da substituição linguística foi a recessão da agricultura nos finais do século XX. Hoje em dia, este setor constitui apenas 5,2% da economia local. Assim, o mirandês perdeu um terreno importante e „útil”. Para analisar melhor este fenómeno, criei um questionário sobre o vocabulário da agricultura. Segundo a minha hipótese, o conhecimento desta camada do

léxico é determinada pela variável da idade. Isto é, supunha que os idosos preenchem o questionário com melhores resultados. Isso provou-se: os informantes maiores de 50 anos obtiveram 70-80%, enquanto os valores dos jovens apresentaram uma variedade muito grande. Naturalmente, a língua espelha as mudanças do modo de viver da sociedade e da economia, mas o mirandês não segue essas. É importante que não haja um domínio novo em o mirandês que seja usado.

Os domínios da economia que podem contribuir indiretamente (isto é, aumentando o prestígio da Terra de Miranda) para a manutenção linguística são o turismo e a produção biológica (vinhos, queijos, carnes, artesanato). No marketing dos produtos destes setores, o mirandês aparece como instrumento de comodificação. O lucro financeiro, por sua vez, pode ser investido no desenvolvimento dos produtos relacionados com a língua (cf. Borbély 2014). A conceção da paisagem linguística (*linguistic landscape*) também pode ser um incentivo do uso da língua e uma atração turística. A paisagem linguística significa a visibilidade de diferentes línguas em espaços públicos e a sua análise concentra nas relações e nas proporções das línguas em diferentes placas ou quadros, cartazes (Landry-Bourhis 1997). A saber, isto dá uma impressão sobre as relações de força das línguas de um dado território. Em Miranda do Douro, a função visual do mirandês é bastante folclórica, tanto na sede do concelho como nas aldeias. As inscrições em mirandês aparecem apenas em 4% de todas os 166 placas analisadas por mim, e apenas nos tipos de quadros turísticos e nas placas toponímicas. Eu integrei na análise os cartazes dos programas culturais. Entre 2012 e junho de 2014, analisei os avisos emitidos pela Câmara Municipal e de organizações civis (n= 121) e apenas 11 contêm palavras exclusivamente mirandesas, e 24 são bilingues. Analisando a estrutura dos cartazes bilingues, ficou claro que a maioria tem língua mirandesa apenas no título do programa, e os detalhes „úteis” (lugar, data, etc.) são em português.

## **6. Como é que o cultivo do mirandês pode ter sucessos em contexto escolar?**

Um dos recursos principais da defesa das línguas minoritárias é o ensino (Bartha 2003, Skutnabb-Kangas 1997), mas em Portugal presta-se pouca atenção à educação linguística das minorias. O ensino do mirandês começou no ano letivo 1986/87 e foi alargado a todos os ciclos no anos 2004/05. Atualmente, estudam a língua cerca de 450 alunos por ano, mas poucos (metade ou um terço dos alunos) continuam os estudos de mirandês no terceiro ciclo e na escola secundária, por motivos práticos. Por exemplo, os exames finais, o estudo de uma segunda língua estrangeira, a maior carga horária faz com que os alunos desistam da aprendizagem do mirandês, língua cujas aulas começam geralmente à tarde, no final do dia letivo. Também é uma desvantagem que há aulas de mirandês apenas uma vez por semana. Assim, este modelo

não pode ser classificado nos tipos clássicos da educação bilingue (por ex. García 1996). Trata-se, então, simplesmente dum ensino de língua estrangeira. Apesar disso, a iniciativa tem valor de modelo, pelo menos no que respeita o entusiasmo e a vocação dos professores. As visitas de aulas, as entrevistas com professores e alunos e as minhas pesquisas de questionário provam que as escolas mirandesas fazem tudo em favor do sucesso, apesar da falta de recursos financeiros e apoio profissional. Os professores, na ausência de manuais elaboram mesmos os materiais de apoio, por isso podem reagir às necessidades atuais dos alunos. Além disso, as atividades extracurriculares (jornal e teatro escolares, pesquisas de folclore) e o exemplo pessoal dos professores podem dar motivação aos alunos para usar a língua mirandesa. Por isso, a lealdade dos alunos pela cultura mirandesa é bastante forte e as atitudes deles são positivas. A maior parte (86%) dos meus informantes menores de idade (total n= 43) inscreveu-se no curso de mirandês pelo próprio interesse e 90% dos alunos queria continuar a usar mirandês depois dos estudos. Contudo, 53% pretende abandonar a Terra de Miranda por um tempo mais ou menos longo. Ainda por cima, é duvidoso no caso das pessoas que ficam em Miranda também que tenham ocasiões e parceiros para usar a *lhéngua*. O ensino de língua, portanto, não pode ser única solução dos problemas da região e da comunidade, mas o modelo pode ter valor de exemplo e com apoio financeiro e profissional, poderia ser boa base da revitalização.

### **7. Quais são as perspetivas da revitalização, o grupo conseguirá manter os laços sociais e a língua?**

A revitalização do mirandês começou pela iniciativa espontânea de alguns intelectuais e locais patriotas, e foi apoiado pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Os programas estão baseadas até hoje nas relações pessoais e nas iniciativas *ad hoc*, e os promotores da língua convencem a população local sobre o valor e a importância do mirandês através do exemplo pessoal. Nos últimos anos, os jovens também têm pensado que o bilinguismo pode ser vantagem. Assim, podemos deduzir que o mirandês continua a estar em perigo, mas tem várias chances. Resumi os pontos fortes e fracos, e as oportunidades e os perigos numa análise SWOT.

	<b>Fatores em favor da manutenção do mirandês</b>	<b>Fatores contra a manutenção do mirandês</b>
<b>Fatores internos</b>	<p>PONTOS FORTES</p> <p>vocação dos mirandeses  grupo de intelectuais motivados  cultivo das tradições, forte identidade cultural e etnolinguística  atitudes positivas  ambiente rural  solidariedade  modo de vida tradicional</p>	<p>PONTOS FRACOS</p> <p>sociedade envelhecida  diminuição da população  falhas na transmissão intergeracional  ideologias negativas da sociedade maioritária  a perspectiva que considera ultrapassada a vida sedentária, agrícola</p>
<b>Fatores externos</b>	<p>OPORTUNIDADES</p> <p>internet, e-learning  inovações no ensino  cultura autêntica  turismo (rural, cultural, natural)  comércio de peças de artesanato e de produtos agrícolas  paisagem linguística  apoios financeiros e profissionais da UE  maior atenção internacional  cooperação com outras comunidades minoritárias ou de origem asturleonense  grupo de intelectuais com capital social</p>	<p>PERIGOS</p> <p>política de língua centralizante, monolíngue  uniformismo cultural  influências globalizantes crescentes na Terra de Miranda  poucas oportunidades de trabalho  emigração  pressão das línguas globais</p>

A identidade dos mirandeses constitui o ponto mais forte na manutenção linguística, porque uma grande percentagem dos mirandeses considera a língua como componente importante da pertença social. Na minha tese de doutoramento, dei várias sugestões para o planeamento linguístico, concentrando-me no reforço da identidade local. Na minha opinião, seria preciso basear a revitalização tanto no uso de recursos modernos da educação como na manutenção dos valores tradicionais. Isso poderia ser realizado no âmbito da gestão linguística (*language management*, cf. Nekvapil 2006, Lanstyák 2010). A tarefa da gestão linguística é identificar os problemas quotidianos dos falantes e elaborar estratégias de solução. Nesta óptica, cada fator que põe em perigo a vitalidade da língua pode ser considerado problema linguístico. Assim, na análise da situação de uma minoria linguística e no planeamento da revitalização desta, é preciso ter em consideração cada fator direto e indireto.



## **Bibliografia citada**

**Bartha, Csilla**

(1996) A társadalmi kétnyelvűség típusai és főbb vizsgálati kérdései, In: *Magyar Nyelvőr* 3. szám, 263-282.

(1999) *A kétnyelvűség alapkérdései. Beszélők és közösségek*, Nemzeti Tankönyvkiadó, Budapest.

(2003) A kisebbségi nyelvek megőrzésének lehetőségei és az oktatás. In: Nádor, Orsolya and Szarka, László szerk. *Nyelvi jogok, kisebbségek, nyelvpolitika Kelet-Közép-Európában*, Akadémiai Kiadó, Budapest, 56-75.

**Blommaert, Jan** (2006) Language policy and national identity, In: Ricento, Thomas (org.) *An introduction to language policy. Theory and method*, Blackwell, Oxford, 238-255.

**Borbély, Anna**

(2001) *Nyelvcseré. Szociolingvisztikai kutatások a magyarországi románok közösségében*, MTA Nyelvtudományi Intézetének Élőnyelvi Osztálya Budapest.

(2014) *Kétnyelvűség. Variabilitás és változás magyarországi közösségekben*, L'Harmattan, Budapest.

**Bourdieu, Pierre** (1991) *Language and symbolic power*, Polity Press.

**Cahen, Michel** (2009) *Le Portugal bilingue. Histoire et droits politiques d'une minorité linguistique : la communauté mirandaise*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes.

**Calvet, Louis-Jean** (1974) *Linguistique et colonialisme, petit traité de glottologie*, Pagot, Paris

**Carvalho, J. Herculano de** (1964) Porque se fala dialecto leonês em terra de Miranda?, In *Estudos Linguísticos*, 1º vol., Editorial Verbo, Lisboa, 39-60.

**Ceolin, Roberto** (2002) Um enclave leonês na paisagem unitária da língua portuguesa, *Ianua, Revista Philologica Românica*, nº 3, p. 62-83.

**Coulmas, Florian** (2004) Economic aspects of languages, In: Ammon, Ulrich (org.) *Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society*, 2. kötet, Walter de Gruyter, 1667-1674.

**Crystal, David** (2000) *Language death*, Cambridge University Press.

**Czopek, Natalia** (2008) O mirandês – Um enclave linguístico em Portugal, In: *Romanica Cracoviensia* 2008/08, 11-20.

**Dorian, Nancy C.** (1998) Western language ideologies and small-language prospects, In: Grenoble, Lenore A. and Whaley, Lindsay J. (org.) *Endangered languages*, Cambridge University Press, 3-21.

**Edwards, John**

(1984) Language, diversity and identity. In Edwards, John (szerk.), *Linguistic Minorities, Policies and Pluralism*, Academic Press, London, 277-310.

(1985) *Language, society and identity*, Blackwell, Oxford.

(2009) *Language and Identity: An introduction*, Cambridge University Press.

**Fasold, Ralph** (1984) *Sociolinguistics of society*, Blackwell, Oxford.

**Ferguson, Charles A.** (1975) Diglossia, In: Mária, Pap – György, Szépe (szerk.) *Társadalom és nyelv*, 291-317.

**Fernandes, José Francisco** (2001) *Mirandês e Caramonico*, Miranda do Douro.

**Fishman, Joshua A.**

- (1989) *Language and ethnicity in minority sociolinguistic perspective*, Multilingual Matters, Clevedon.
- (1991) *Reversing language shift. Theory and Practice of Assistance to Threatened Languages*, Multilingual Matters, Clevedon.
- Gal**, Susan  
 (1979) *Language shift: Social determinants of linguistic change in bilingual Austria*, Academic Press, San Francisco.
- García**, Ofelia (1996) Bilingual education, In: Coulmas, Florian (szerk.) *The handbook of sociolinguistics*, Oxford, Blackwell, 405-420.
- Giles**, Howard – **Jonhson**, Patricia (1987) Ethnolinguistic identity theory: a social psychological approach to language maintenance, In: *International Journal of the Sociology of Language*, Issue 68, 69–100.
- Grin**, François  
 (1999) Market forces, language spread and linguistic diversity, In: Kontra, Miklós et al. (org.) *Language, a right and a resource. Approaching linguistic human rights*, Central European University Press, Budapest.
- (2003) Language planning and economics, In: *Current Issues in Language Planning*, vol. 4, no. 1, 1-66.
- Gumperz**, John J. (1982) *Language and social identity*, Cambridge University Press.
- Hamers**, Josiane F. – **Blanc**, Michel H. A. (2004) *Bilinguality and bilingualism*, Cambridge university Press.
- Kontra**, Miklós  
 (2005): Mi a lingvicizmus és mit lehet ellene tenni?, In: Gábrity Molnár, Irén – Mirnics, Zsuzsa (szerk.) *Közérzeti barangoló. (Műhely- és előadás-tanulmányok)*, Szabadka, 175–202.
- (2010) *Hasznos nyelvészet*, Fórum Kisebbségkutató Intézet, Somorja.
- Kloss**, Heinz (1966) German-american language maintenance efforts. In: Fishman, Joshua A. et al. (org.) *Language loyalty in the United States*, Mouton, The Hague, 206-252.
- Labov**, William (1982) Objectivity and commitment in linguistic science: the case of the Black English trial in Ann Arbor. In: *Language in Society* 11, 165-202.
- Landry**, Rodrigue-**Bourhis** Richard Y. (1997) Linguistic landscape and ethnolinguistic vitality, In: *Journal of Language and Social Psychology*, 16, 23-49.
- Lanstyák**, István (2010) A nyelvi problémák típusai, In: *Fórum Társadalomtudományi Szemle*, 1. szám, 23-48.
- Léonard**, Yves (1999) As ligações a África e ao Brasil In: Bethencourt, F. and Chaudhuri, K. (org.) *História da expansão portuguesa* (vol. 5), Círculo de Leitores, Lisboa.
- Martins**, Cristina  
 (1994) O desaparecimento do mirandês na cidade de Miranda do Douro: uma leitura dos Estudos de filologia mirandesa de José Leite de Vasconcelos, In *Varição linguística no espaço, no tempo e na sociedade. Actas do Encontro Regional da Associação Portuguesa de Linguística. Miranda do Douro*, APL/ Edições Colibri, Lisboa, 95-105.
- (1997) A vitalidade de línguas minoritárias e atitudes linguísticas: o caso do mirandês, In: *Lletres Asturianas*, Boletín Oficial de l'Academia de la Llingua Asturiana, nr. 62, 7-42.
- Mateus**, Maria Helena Mira (2009) *Uma política de língua para o Português*, XXV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, FLUL, 2009. október 24.

[http://www.iltec.pt/pdf/politica\\_lingua.pdf](http://www.iltec.pt/pdf/politica_lingua.pdf)

**Merlan**, Aurélia (2009) *El mirandés: situación sociolingüística de una lengua minoritaria en la zona fronteriza portugués-española*, Academia Llingua Asturiana, Oviedo.

**Milroy**, James (2001) Language Ideologies and the Consequences of Standardization, In: *Journal of Sociolinguistics* 5(4); 530–555.

**Mourinho**, António Maria (1987) (org.) *Actas das 1<sup>as</sup> Jornadas de Língua e Cultura Mirandesas*, Câmara Municipal de Miranda do Douro.

**Nekvapil**, Jiří (2006) From language planning to language management, In: *Sociolinguistica*, 20, 92-104.

**Nelde**, Peter Hans (1978) Sprachkontakt und Sprachwechsel in Brüssel, In: Sture Ureland, P. (szerk.) *Sprachkontakt im Nordseegebiet*, Max Niemeyer, Tübingen, 19-43.

**Pidal**, Ramón Menéndez (1906) El dialecto leonés, In: *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, X, 128-172 és 294-311.

**Pinto**, Paulo Feytor (2008) *Política de língua na democracia portuguesa (1974-2004)*, Universidade Aberta, Lisboa.

**Pusztay**, János (2006) *Nyelvével hal a nemzet. Az oroszországi finnugor népek jelene és jövője 11 pontban*, Teleki László Alapítvány, Budapest.

**Skutnabb-Kangas**, Tove

(1998) Nyelvi sokféleség, emberi jogok és a "szabad" piac In: *Fundamentum*, 1-2., 7-25.

(1997) *Nyelv, oktatás és a kisebbségek*. Teleki László Alapítvány, Budapest

**Terao**, Satoshi (2010) Mirandese as an Endangered language, In: *Journal of International Studies* 35, Impr. Nacional, Lisboa, 101-126.

**Torkington**, Kate (2008) Exploring the linguistic landscape: the case of the 'Golden Triangle' in the Algarve, Portugal, In: *Papers from the Lancaster University Postgraduate Conference in Linguistics & Language Teaching*, vol. 3, 123-145.

**Tsunoda**, Tasaku (2006) *Language endangerment and language revitalization. An introduction*, Mouton-De Gruyter.

**Vasconcelos**, José Leite de (1900-1901) *Estudos de Philologia Mirandesa*, Imprensa Nacional, Lisboa.

## **Lei 7/99**

<http://www.eb2-miranda-douro.rcts.pt/mirandes/mirandes.html>

## **Constituição da República Portuguesa**

<http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>

## **Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias**

<http://www.ajbh.hu/documents/10180/122652/Regionalis+vagy+kisebbs%C3%A9gi+nyelvek+Euro%C3%A9pai+Charta%C3%A9ji.pdf/e70ba9fb-e1d5-465c-b00c-50713fef64e2;jsessionid=052A1379C19326DAF912BA5466EC9388?version=1.0>

## **Convenção-quadro da Proteção de Minorias Nacionais**

[http://www.coe.int/t/dghl/monitoring/minorities/6\\_resources/PDF\\_brochure\\_Hungarian.pdf](http://www.coe.int/t/dghl/monitoring/minorities/6_resources/PDF_brochure_Hungarian.pdf)

## **UNESCO Language Vitality and Endangerment, 2003**

<http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00120-EN.pdf>

## Publicações relacionadas com o tema

### *Estudos*

(2014) O papel da didática na revitalização da língua mirandesa: métodos e perspectivas, In: Infante da Câmara (org.) *Atas das III. Jornadas de Língua Portuguesa e Culturas Lusófonas da Europa Central e de Leste*, Eötvös Loránd Tudományegyetem, Budapest, ISBN 978-963-12-0391-2

(2013) Vernakuláris elv vs. többségi nyelvű iskoláztatás. Problémafelvetések a portugáliei mirandés példáján, In: Szöllősy Éva (org.) *Találkozások az anyanyelvi nevelésben*, Pécsi Tudományegyetem Nyelvtudományi Doktori Iskola, Pécs, 118-129. ISBN 978-963-642-563-0

(2013) O papel da economia na manutenção linguística: o caso do mirandês, In: Merlan-Aurélia – Schmidt-Radefeldt, Jürgen (org.) *Portugiesisch als Diasystem/O Português como Diassistema, Rostocker Romanistische Arbeiten*, Band 17, Peter Lang, Frankfurt am Main, 193-210. ISBN 978-3-631-64109-5

(2013) A situação da língua mirandesa, com especial consideração aos factores de manutenção/substituição linguística, In: Puskás Katalin (org.) *Italianistica Debreceniensis XIX*. A Debreceni Egyetem Olasz Tanszéke és az Olasz Felvilágosodás és Romantika Kutatóközpont Évkönyve, Debreceni Egyetemi Kiadó, Debrecen, 170-185. ISSN 1219-5391

(2013) *A mirandai nyelvvel kapcsolatos attitűdök és ideológiák*, In: Bárdosi Vilmos (org.) *Asteriskos 5. Tanulmányok, Nyelvtudományi Doktori Iskola „Nyelv és Társadalom” (Az I. doktorandusz-konferencia előadásai)*, 62-73. ISBN 978-963-284-360-5

(2010) Mirandai rap. Rendhagyó módszerek egy kisebbségi nyelv oktatásában, In: *Szakoktatás*, 2010/1, 22-25. ISSN 0237-5338

(2010) A situação actual da língua mirandesa, In: Pál Ferenc, Urbán Bálint szerk. *Actas do Congresso Organizado por Motivo dos Trinta Anos do Português na Faculdade de Letras da Universidade Eötvös Loránd de Budapeste*, ELTE BTK Portugál Tanszék, Budapest, CD-ROM.

### *Comunicações em conferências*

*Uma minoria asturo-leonesa em Portugal: questões da identidade mirandesa*, XV. Jornadas Iberoamericanas, Pécs, 2014. május 5-9.

*Hagyományörzés modern köntösben. Jó gyakorlatok a mirandai nyelvi nevelésben*, Találkozások az anyanyelvi nevelésben 2. Hagyomány és modernitás, Pécs, 2014. május 16–17.

*Vernakuláris elv vs. többségi nyelvű iskoláztatás. Problémafelvetések a portugáliai mirandés példáján.* Találkozások az anyanyelvi nevelésben 1, Pécs, 2013. április 22.

*O papel da didática na revitalização da língua mirandesa: métodos e perspectivas*, III. Jornadas de Língua Portuguesa e Culturas Lusófonas da Europa Central e de Leste, Budapest, 2012. november 29-december 1.

*A mirandai-portugál nyelvcseré a mezőgazdasági szókincs használatának tükrében*, RODOSZ/3 Harmadik Egyetemközi Romanisztikai Doktorandusz Konferencia, Budapest, 2012. október 19.

*A mirandai nyelvvel kapcsolatos attitűdök és ideológiák*, ELTE BTK TÁMOP Nyelv és társadalom konferencia, Budapest, 2012. május 17.

*A situação da língua mirandesa, com especial consideração aos factores de manutenção/substituição linguística*, RODOSZ/2 Egyetemközi Romanisztikai Doktorandusz Konferencia, Budapest, 2010. szeptember 24.

### **Outras publicações**

(2012) *Spanyol-portugál hangtani interferenciák vizsgálata nyelvpedagógiai szempontból*, In: Bárdosi, Vilmos (org.) *Asteriskos 1. Tanulmányok*, ELTE BTK Nyelvtudományi Doktori Iskola, Budapest, 109-122.

(2011) „*Én ilyen luzofónius magyar beszélek.*” *A magyarországi luzofón diaszpóra nyelvhasználatáról*. Magyar Nyelvőr 2011/3, 349-362.

(2010) recenzió: Dobrosława és Andrzej Świerczyńscy: *Szólásmondások többnyelvű szótára*, Kossuth Kiadó, Budapest, 2010.

[http://www.kossuth.hu/letoltes/Hargitai\\_Szolasmondasok.pdf](http://www.kossuth.hu/letoltes/Hargitai_Szolasmondasok.pdf)

(2009) *Repülj, madár, repülj. A tehetségesekért/A tehetségfejlesztésért 2009 konferencia tanulságai*, Szakoktatás, 2009/7, 36-38.

(2009) *Első Fecskék. Beszámoló egy projektmunkáról*, Anyanyelv-pedagógia, 2009. június.

<http://www.anyanyelv-pedagogia.hu/cikkek.php?id=175>